

O Festival começou com público apenas razoável, nos dois primeiros dias. Esquentou no terceiro, e explodiu nos três últimos, com gente sentada na escada do Cine Brasília. O público questionou a qualidade dos filmes, mas aplaudiu, calorosamente, o curta "Frei Tito", e os longas "Tigipió" e "A Hora da Estrela".

Da frieza ao sucesso absoluto

Terminou o XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. E, ao final, um balanço: foi um sucesso! Se nos dois primeiros dias o público ficou em torno de 400 pessoas, nos quatro últimos, lotou os 600 lugares do cinema. Em dois dias especiais — sábado (Tigipió) e segunda-feira (A Hora da Estrela) parte do público viu-se obrigada a sentar-se nas escadas. Nas cidades-satélites, o sucesso foi relativo.

Durante sete dias, a Fundação Cultural recebeu 103 convidados, vindos do Rio e de São Paulo (a maioria), de Alagoas, do Rio Grande do Sul, da Paraíba, do Paraná, de Sergipe, de Niterói, Goiânia, Ribeirão Preto, e um convidado especial, de Cuba (Pastor Vega). Eram diretores, produtores, atores, técnicos, pesquisadores e cineclubistas, que vieram mostrar seus filmes em 35 e 16 milímetros, de curta, média e longa-metragem, e debater a memória e a distribuição da produção brasileira. O público pôde ver o cinema infanto-juvenil, filmes de mulheres, mostra retrospectiva do Cinema Novo, Retrato de Teresa, de Pastor Vega e Bahia de Todos os Santos, de Trigueirinho Neto.

Talvez, em toda a história do Festival, ele nunca tenha tido estrutura tão democrática. Se teve, foi em seu nascedouro, quando Paulo Emílio o criou com o nome de **Semana do Cinema Brasileiro**. Desta vez, cineastas, cineclubistas e movimentos culturais brasilienses deram sugestões que, em sua maioria, foram acatadas.

Mesmo assim, alguns pontos do programa fracassaram: não pegou a idéia do debate após a exibição do filme, no Cine Brasília, no calor da hora. Este é o momento dos abraços, do voto do júri popular, dos bate-papos na saída. Furou, também, a homenagem a João Benício, produtor de quem seria exibido **O Diabo Mora no Sangue**, direção de Cecil Thiré. O debate entre críticos e editores de veículos de comunicação de massa (proposto por Vladimir Carvalho) acabou como mais uma discussão entre críticos, pois nenhum editor compareceu. Outra falha: os convidados da Fundação não foram apresentados ao público. A não ser os diretores de curtas e longas em 35 mm. Em Gramado é tradição: a cada dia, a coordenação do Festival convida a subir ao palco, os que chegaram. Assim, cria-se relação de familiaridade entre artistas e público, o que é saudável.

No mais, muitos acertos: o

MILLA PETRILLO



No primeiro dia, mais artistas e autoridades do que público



Nos quatro últimos dias, o público compareceu em massa

Festivalzinho ganhou mais público. Se as crianças não lotaram o Cine Brasília, pelo menos houve esforço em levar alunos da rede escolar para, em muitos casos, um primeiro encontro com o cinema infanto-juvenil brasileiro. No próximo ano, é fundamental levar, também, ao Festivalzinho, crianças da Funabem e de orfanatos, sempre carentes de contato com o filme nacional. A Retrospectiva do

Cinema Novo aconteceu em boa hora e reuniu ótimos títulos. As exposições (se não saíram as quatro, pois faltou a mostra da História do Festival através do Fotojornalismo), atraíram a atenção dos espectadores. Em especial a de Paulo Emílio Sales Gomes, exposta no hall do cinema. O seminário **Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro**, promovido pela UnB e FCPF, foi um sucesso.

Alguns dos palestrantes não compareceram (Cacá Diegues, Néelson Perreira dos Santos e Fernando Birri). Quem veio, porém, deu sua contribuição. Destaque especial para as intervenções de Ismail Xavier, José Carlos Avellar, Pastor Vega e Geraldo Veloso.

A separação das bitolas 16 e 35 milímetros causou, de início, muitos protestos. Agiu bem a Fundação Cultural, promovendo

do a III Mostra Competitiva do Filme em 16 Milímetros, em separado. Afinal, a projeção em 16, no Cine Brasília, deixa muito a desejar. Para o ano que vem, espera-se que haja, pelo menos seleção técnica. As vezes, para ver um bom filme, o público tinha que tolerar dois muito desqualificados.

A composição dos júris foi criteriosa. Só havia gente qualificada para o exercício do complicado direito de escolher "os melhores". No júri do 35 milímetros, um pequeno senão: não havia uma só sensibilidade feminina. O júri foi composto com oito homens, sobre a presidência de Luís Humberto.

A presença de jornalistas e críticos de vários pontos do País arrancou o Festival das fronteiras do Distrito Federal. Mas por sua redemocratização e amplitude, o certame merecia maior cobertura. Ao que tudo indica, porém, uma provável "falta de qualidade" dos filmes, justificou parte do desinteresse.

Arthur Reis, assessor de Imprensa da Embrafilme, não concorda que a safra de filmes seja ruim. "Há bons filmes", ressaltou. O público teve enorme interesse por vários deles. Se comparada com outros anos, a safra pode não ser das melhores. Mas havia produções de vários Estados; a safra de curtas é das mais significativas e a mostra de 16 milímetros reuniu mais de 40 filmes, sendo três de longa-metragem. E preciso levar estes dados em conta. Dos seis longas participantes, quatro são produções da Embrafilme: os cariocas **Insônia** e **Pedro Mico**; o brasiliense **Tigipió** e o paulista **A Hora da Estrela**. Dois são produções independentes: o gaúcho **Aqueles Dois** e o paulista **Jogo Duro**.

Arthur considerou a maior importância os vários debates acontecidos no decorrer do Festival e avisou que a questão da distribuidora é uma preocupação da direção geral da Embrafilme. Tanto é que nesta quinta-feira, no Rio, o Conselho Consultivo da Empresa, formado por representantes de entidades cinematográficas, reúne-se para discutir novos caminhos e saídas para a distribuidora. A questão, conclui Arthur, é mais complexa do que se supõe. A Embrafilme sabe que não basta escolher um nome para substituir Jorge Correla, que pediu demissão. Por isto, quer, democraticamente, discutir o assunto com as representações da indústria cinematográfica. (MRC)

A ousadia é a prova dos nove

SEVERINO FRANCISCO

Da Editoria de Cultura

O ousadia é a prova dos nove. Após a explosão dos modelos do cinema de curta-metragem, — especialmente os modelos da estética realista do cinema-documentário —, a tendência detectada, com raras exceções, nos curtas deste Festival, é a de um vazio completo de referências da criação, uma incapacidade de equacionar os problemas da linguagem com um mínimo de rigor, uma incapacidade em dialogar com a tradição do cinema na busca de poéticas/sínteses pessoais. Quase tudo fica ao nível do chute. A maioria dos curtas da mostra competitiva 35 mm parece exercícios de criatividade de alunos de 2º grau nos cursos de educação artística.

Na década de 60, a palavra de ordem era se "engajar" — agora, nesta virada apocalíptica dos 80, quando o País começa a se cansar das legendas antigas há muitas décadas, a palavra de ordem no curta-metragem é "ousar". Ótimo que o impulso seja este! Só que assim como não se fez nenhuma arte política nos anos 60 apenas pela palavra de ordem — nos anos 80 não se fará arte avançada sem competência, domínio da informação, consciência artística. Com exceção de **O Som Exupliá**, (não vi **O Inventário da Rapina**) — são filmes que revelam falta de gosto artístico, desconhecimento da especificidade do cinema como linguagem, ausência de uma educação do olhar. São filmes de quem não vê cinema — e se vê não saca nada. Sob o ponto de vista da criação, da solução de um problema audiovisual, qualquer filme de publicidade é melhor do que a maioria dos curtas deste Festival. Claro que sob o ponto de vista da expressão são outros quinhentos. Não adianta botar em um curta-metragem paródias fora de lugar, pedaços de desenho animado aleatoriamente, alegorias disparatadas. O cinema tem limites e deslimites. Não é criatividade ao nível de qualquer coisa. Esta é a encruzilhada da atual safra de curtas.

A Embrafilme, os magnatas do cinema, os empresários, os publicitários precisam enten-

der que os filmes de provocação, os filmes de polêmica, os filmes de invenção, são essenciais para a sobrevivência do cinema. A diversidade não chegou até o longa-metragem. Dominam os filmes de ambição-média, mornos, tímidos, sob o escudo da competência artesanal. Ora, competência artesanal é uma coisa velha no cinema brasileiro há pelo menos 15 anos. O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro surgiu, na virada dos anos 60, como necessidade de um espaço para escoar uma grande loucura de criação, um grande debate de cinema. O cinema Novo estava nascendo, depois veio o cinema Marginal e outras bossas.

Agora, a situação é outra. Em relação à cidade, o Festival foi alvo de uma tentativa sistemática de esvaziamento, nos últimos anos, especialmente durante a última gestão da Fundação Cultural. E, agora, a sua retomada coincide com uma safra de filmes de baixo nível de inventividade, restos do desastre do modelo de "cinema de mercado" sem mercado, vigente nos anos 70. O espaço do Festival deve ser preservado. A Fundação não tem culpa se os filmes são ruins. Esta flutuação faz parte do processo cultural. E no fogo cruzado de tendências, tentativas e fracassos que está se ensaiando os novos botes do cinema. O Festival é um dos poucos canais de divulgação em um mercado estrangulado.

Na década passada criou-se uma confusão enorme em relação a mercado e cinema. É claro que é preciso criar um mercado para o cinema. Mas isto nada tem a ver com a criação ao gosto estagnado do mercado. Eu dou o que eles gostam e o que eles gostam não é mole! E preciso, também, religar a crítica ao processo de criação. Nas épocas de explosão do cinema brasileiro os críticos — Sganzerla, Glauber Rocha, o próprio Paulo Emílio, entre outros — provocavam indagações criadoras. Hoje, até mesmo os melhores críticos limitam-se a orientar o consumo. Crítica e criação deveriam ser a mesma coisa.

A melhor viagem através das imagens de Brasília

No saguão do Garvey, visitantes e marinheiros de primeira viagem deparam-se com a fatura audiovisual, ininterrupta, do projeto Bem-Te-Vi, agora uma Fundação, futura série da TV Nacional, futuro longa-metragem e edição em livro, tudo iniciativa coletivizada pela cineasta mineira-brasiliense Tânia Quaresma, 35 anos, mãe do cinegrafista Alexandre Quaresma, realizadora de outros dois projetos de mergulho profundo sobre minas culturais do País: **Nordeste-Cordel, Repente e Canção** e **Trindade**. É uma das conquistas audiovisuais mais avançadas que se realizam no Brasil. Tânia sonhou com Brasília que havia sido sonhada por Dom Bosco e muitos outros profetas. Há três anos, chegou, parou, apalhou-se e não sai mais daqui, declara convicta.

Bem-Te-Vi é um pássaro que, ao cantar, convida todos os pássaros. Tânia começou pela poesia e o sonho. Por isso o seu projeto é tão lírico, emocionante, em sons e imagens, e mais ainda em transação com o espírito próprio de Brasília, cheiro de horizonte e saídas. O sonho é a sinopse: um grupo de crianças está sentada numa casinha de favela, quando uma kombi arromba o muro do vizinho. O muro torna-se uma grande tela, Brasília surge no quadro, há cenas poéticas, as crianças invadem o buraco da tevê. Como na queda de Alice, vão parar num estúdio fantástico, onde manipulam os equipamentos e realizam a sua própria televisão, misturando os canais.

A realidade cruzadíssima com a ficção, a vida brigando com a notícia, Tânia Quaresma reuniu uma das equipes mais entusiasmadas do cinema, com toda a força decisiva do artista plástico Wagner Hermuche, agitou a cidade com suas câmeras. Uma tevê portátil, uma feira de sonho, superprodução supersimples. Hoje, com mais de duzentas horas gravadas, ela se sente enfiada em Brasília, com cacos de espelho por todo o corpo. A Fundação Bem-Te-Vi vai recolher, processar e devolver informações culturais da comunidade. Faz doações, empresta o material, vai exibi-lo até em Roma e Paris. Só falta mesmo o governador. Aparecido dar o apito final para o projeto revelar-se em toda a sua plenitude.

A central de produção do longa-metragem Bem-Te-Vi será na Universidade de Brasília e suas atividades serão



Lúcio Costa, o criador da cidade, diante de Lúcio Costa e das imagens apaixonadas do projeto Bem-Te-Vi

integradas ao currículo como curso de extensão. Tânia já gravou na Cellândia, na Vila Paranoá, no Núcleo Bandeirante, em todo o Plano Piloto e teve apolos fundamentais, como do pesquisador Marcantonio Guimarães, da Pró-Memória, a filha de Lúcio Costa, Maria Elisa, e o professor Mud, da UnB.

O programa vai seguir Oscar Niemeyer e Lúcio Costa até Roma, onde os dois receberam um Prêmio Roma-Brasília de Arquitetura. No Natal, todo o material do Bem-Te-Vi será mostrado ao brasiliense na Rodoviária Central. E é importante observar que o projeto sempre grava suas exposições e repercussões, desdobrando-se continuamente, avivando espírito, puxando pelas forças positivas para que Brasília se descubra na íntegra, para si própria e para todo o País.

No último domingo deste mês, a TV Nacional já começa a exibir a terceira série do projeto: **A Cidade se Vê**, indo com a jogada até o final deste ano, sempre às 14:30 horas de domingo. O longa-metragem será rodado no período da seca e será, segundo Tânia, um musical pop-histórico, infanto-juvenil-senil. "Nunca estudei, não tenho nem o ginásio, tive um filho aos 16 anos, levei bomba por não realizar os trabalhos manuais. Foi quando descobri que a gente tem que fazer a realidade da gente. O melhor professor é a ignorância e a humildade. Bem-Te-Vi deu certo porque é um grande canal de emoções. Ele se sustenta na história dos construtores que fizeram essa cidade, e digo também os construtores de teatro, poesia, música, não só os construtores da ci-

dade e dos edifícios. São os pioneiros. Agora estamos vivendo um momento de reconstrução. E não queremos mais ir contra, queremos ir a favor, reforçar as conquistas positivas, o caráter coletivo das coisas de Brasília".

Carências que Tânia observa em Brasília: mais condições para as populações das cidades-satélites. Condições de saúde, alimentação, educação, cultura. Transportes populares, pois a cidade é basicamente "cabeça, tronco e rodas". E produtos de cultura: aqui os artistas têm de fazer tudo sozinhos. Ela sente em Brasília uma ventilação maior, de qualquer maneira, nas atividades culturais. "Temos uma visão de horizonte, o nariz no poder, e por isso desmistificado. O poder é uma coisa interna de cada um. Não queremos que Brasília seja uma cidade comum. Temos de recriar e repensar o Brasil a partir daqui, tirar o pulso do País".

As imagens de Bem-Te-Vi são mesmo beleza e impacto. Tânia, com raríssima sensibilidade para envolver a todos no projeto, diz que a Fundação Bem-Te-Vi é uma fundação voadora, ecocibernética, que vai juntar computador e artesanato, medicina preventiva e arte-pop, política e prazer. Essa é, afinal, a capital que o Brasil merece, no dizer de Lúcio Costa. E precisa mesmo ser ágil, esponja de filtrar, telão ligado à imagem e som de todos. Aviso aos viajantes: não calam na besteira de andar por Brasília por uma cidade qualquer. Vejam primeiro os programas-piloto de Bem-Te-Vi. Não há, oh gente, oh não, audiovisual como esse em todo o sertão. (Celso Araújo)